



## CIDADE EDUCADORA E CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ESPAÇO URBANO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Josélia Carvalho de Araújo (UERN)

E-mail: joseliacarvalho@gmail.com

Moacir Vieira da Silva (SEEC-RN)

E-mail: moacirvs31@hotmail.com

**Resumo:** O trabalho ora proposto tem como objetivo principal apresentar uma proposição metodológica para a construção do conceito de espaço urbano a partir do tema *cidade educadora*, de modo a colaborar na aprendizagem na educação geográfica. É fruto das reflexões estabelecidas na parceria entre professores da Escola Estadual José de Freitas Nobre e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Mossoró, RN – sobre a educação geográfica, suas lacunas, seus processos e suas necessidades. A metodologia para a elaboração desse trabalho foi a incursão bibliográfica, seguida da construção da proposição metodológica, arquitetada pelos sujeitos citados. Tal proposição é uma possibilidade didática para entender, pensar e compreender o urbano.

**Palavras-chave:** Proposição didático-metodológica, Espaço urbano, Educação Geográfica.

**Eixo temático:** GT3 – Fundamentos Didáticos e o Ensino de Geografia.

### INTRODUÇÃO

Algo abstrato, uma extensão, uma distância, um ente geral e dado – são esses os primeiros adjetivos utilizados por Moreira (2017) para qualificar o conceito de espaço. Admitindo diversas acepções, esse termo é um vocábulo de uso corrente, tanto no cotidiano quanto no âmbito das ciências. Expressões como espaços econômico, sideral, arquitetônico, artístico, topológico ilustram a diversidade de seu uso (CORREIA, 2000). Nesse mesmo contexto, Dantas e Morais (2012) assinalam que “[...] o espaço parece ser *transversal a diferentes experiências de vida*”. E ainda indagam: “[...] qual a especificidade e o sentido de espaço na ciência geográfica?” (p. 19, grifos nossos).



Em uma resposta objetiva à provocação das autoras, podemos afirmar que o espaço, e especificadamente, o *espaço geográfico* – conceito-chave e objeto de estudo da ciência geográfica – é a natureza transformada pelo homem por meio do seu trabalho; é uma produção humana, um produto das relações de trabalho, por meio das técnicas, modificando a natureza (DANTAS; MORAIS, 2012; SANTOS, 2012).

Para alcançar o patamar de entendimento que a ciência geográfica tem hoje sobre esse conceito, diversas elucidações foram desenvolvidas com a finalidade de melhor explicá-lo; a cada momento histórico do desenvolvimento das ideias e do pensamento geográfico, o espaço ganhou diferentes formas de apreensão, bem como diferentes postos de destaque no debate geográfico. Contudo, é importante destacar que os diálogos teóricos acerca desse conceito não são uma questão finalizada, mas um campo de debate que necessita de novas e constantes reflexões.

Em uma definição inicial desse conceito, os primeiros autores que se propuseram a defini-lo no âmbito da Geografia, assinalavam que o espaço correspondia à superfície terrestre. Essa interpretação naturalizante do espaço, e nesse caso, do espaço geográfico foi, durante muitos anos, incorporada nas discussões acadêmicas, e marcou a maneira como os saberes geográficos chegaram e se perpetuaram nos ambientes escolares e nos livros didáticos (SOUZA, 2013).

Outras formas de compreensão/definição de espaço geográfico podem ser destacadas, tais como: o entendimento de espaço a partir da organização da sociedade e de seus elementos sobre o meio – uma ideia vinculada à Nova Geografia; ou, a concepção de espaço como uma construção intelectual, um espaço absoluto, não existindo realmente na sociedade – sendo um quadro de referência que não deriva da experiência (visão hartshorniana); ou ainda, o conceito do espaço interligado às questões subjetivas, individuais e culturais - compreendido como sendo o meio de vivência dos indivíduos, lócus no qual estes imprimem seus valores, suas marcas e suas ideias (geografia humanista)



(CORRÊA, 2000); e o entendimento do espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistemas de ações e de objetos; isto é, de elementos artificiais e das ações atópicas, que manuseiam os instrumentos (os arsenais técnicos) para construir e transformar o meio, seja ele natural ou humano – perspectiva miltoniana (SANTOS, 2006).

Com tantas definições e compreensões em torno desse conceito, outro questionamento é levantado: como o espaço geográfico é operacionalizado (concebido/apreendido) dentro do processo de ensino-aprendizagem da ciência (educação) geográfica? Em seu texto “*A representação do espaço geográfico na educação básica*”, Ferretti (2014) traz algumas ideias que dão subsídio para refletir sobre tal indagação. Ele enfatiza, por exemplo, que o ensino desse conceito nos ambientes escolares se orientou, na maioria das vezes, por um caminho próprio e distoante das discussões acadêmicas, e isso resultou na “[...] atual dificuldade em conceber (compreender) unicamente um conceito ou uma metodologia à disciplina [...]” (p. 264); e ainda reforça:

A dificuldade em entender os conceitos geográficos em sua aplicação ao ensino acaba por definir uma relação com o conhecimento geográfico, focada em uma sociologia (como crítica social), ou na história do espaço (para explicar a ocupação dos territórios), mas com dificuldades em relacionar os conceitos à realidade dos espaços geográficos (FERRETTI, 2014, p. 264).

Completando os pensamentos expostos, apontamos que é preciso uma compreensão efetiva dos conceitos que embasam a geografia, de modo que estes sejam apreendidos de forma significativa – ou seja, mais do que elementos teóricos, abstratos, sem sentido e significado. São necessários que os discentes possam perceber, diante de sua cotidianidade, a materialização desses saberes, e estabelecer um diálogo real entre o conhecimento formal e a realidade vivida.

Nessa mesma perspectiva, Cavalcanti (2010, p. 7) enfatiza:



A formação de conceitos pressupõe encontro e confronto entre conceitos cotidianos e conceitos científicos. Seguindo as contribuições de Vygotsky, há uma relação necessária entre cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. [...] O professor deve captar os significados que os alunos dão aos conceitos científicos que são trabalhados no ensino. Para formar um pensamento espacial, é necessário que eles formem conceitos geográficos abrangentes, que são ferramentas fundamentais para compreender os diversos espaços, para localizar e analisar os significados dos lugares e sua relação com a vida cotidiana.

Frente aos elementos apresentados, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposição metodológica para a construção do conceito de espaço urbano a partir da temática *cidade educadora* na educação geográfica, de modo a contribuir didaticamente e significativamente no processo de ensino-aprendizagem desse saber. Escolhemos o conceito de espaço urbano como elemento central de nossa proposta metodológica, pois compreendemos que o espaço, enquanto totalidade (SANTOS, 2006), pode ser melhor apreendido a partir dos recortes espaciais que se aproximam o sujeito e o saber mais global.

Sobre tais aspectos, Santos (2006) aponta que é de responsabilidade do geógrafo - e porque não enquadrar o professor de geografia nesse contexto? – “[...] propor uma visão totalizante do mundo, *mas é indispensável que o faça a partir de sua própria província do saber*, isto é, de um aspecto da realidade global” (p. 73, grifos nossos). Ele ainda ressalta que é necessário oferecer um conjunto de conceitos “[...] capaz de reproduzir, na inteligência, as situações reais enxergadas do ponto de vista [...]”; e propõe como alternativa, “[...] partir da totalidade concreta como ela se apresenta [...] totalidade empírica [...] para examinar as relações efetivas entre a Totalidade-Mundo e os Lugares” (ibid).

Antes de andentramos as discussões mais específicas desse trabalho, consideramos relevante destacar que esse texto é fruto dos inúmeros diálogos estabelecidos entre os professores da Escola Estadual José de Freitas Nobre<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Instituição de ensino localizada na cidade de Mossoró – Rio Grande do Norte; e vinculada a Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC-RN) – rede estadual.



enquanto colaboradores das práticas de estágio supervisionado em Geografia, e os docentes supervisores da disciplina de estágio da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A parceria estabelecida entre os professores desses ambientes educacionais tem fomentado debates de extrema relevância no âmbito da educação geográfica. E, além disso, tem propiciado a construção e a estruturação de novas estratégias didáticas que buscam tornar o processo de ensino-aprendizagem dessa ciência geográfica mais significativo.

É importante enfatizar que a pesquisa bibliográfica foi à metodologia básica para agrupar um aporte teórico mínimo no que se refere à definição e discussão do conceito de espaço urbano. Uma vez satisfeita essa primeira etapa de incursão bibliográfica, procedemos com a elaboração da proposição metodológica para a construção do conceito de espaço urbano na educação geográfica. Por fim, desenvolvemos a construção do texto ora apresentado, conformando-se como terceiro momento da metodologia.

### **APROXIMAÇÕES TEÓRICAS AO CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO**

Iniciamos por uma incursão sobre o espaço geográfico propriamente, ao ser apresentado como:

[...] um produto material em relação com outros elementos materiais – entre outros, os homens, que entram também em relações sociais determinadas, que dão ao espaço (bem como a outros elementos da combinação) *uma forma, uma função e uma significação social* (CASTELLS, 1983, p. 146, grifos nossos).

Ao considerarmos as ideias e “forma”, “função” e “significação social” expostas pelo autor, identificamos, respectivamente: na forma, a paisagem, enquanto materialização do processo de produção do espaço; na função, o modo como o capital e a sociedade se apropriam do espaço no seu processo de reprodução; e na significação social, o uso político do espaço por atores sociais diversos – o capital, a sociedade e o Estado. Ainda fazendo menção a



esses termos, vemos que estamos diante de elementos presentes no espaço, os quais carecem permanentemente de uma análise ou uma leitura para a apreensão. Mas, para este fim, há que primeiro termos clareza com relação à definição de *espaço urbano*, bem como ao seu processo de reprodução.

Castells (1983) aponta que “[...] o espaço, socialmente falando, assim como o tempo, é uma conjuntura, isto é, uma *articulação de práticas históricas concretas* (p. 472, grifos nossos)”. Desta conformação de “práticas históricas concretas”, é que o espaço – em tela, o espaço urbano – está em permanente processo produção-reprodução, por assim dizer, em permanente elaboração, face aos estágios da produção, da técnica, do consumo, entre outros, que a sociedade presente neste espaço atinge. Neste sentido, é pertinente frisar que “[...] o espaço urbano é estruturado, quer dizer, ele não está organizado ao acaso, e os processos sociais que se ligam a ele exprimem, ao especificá-los, os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social” (ibid).

Postas estas discussões iniciais sobre a reprodução e estruturação do espaço urbano, há que empreendermos a sua compreensão, donde nos vem a proposição de Castells (1983, p. 264), indicando que “[...] a análise do espaço institucional lembra assim a determinação econômica da estrutura urbana e introduz à dinâmica social, quer dizer a luta política, que está no centro de toda análise concreta da transformação de uma cidade”. Frente a tal ideia, devemos então buscar os elementos que influenciam na sua produção, lembrando que eles estão presentes nos sistemas econômicos, político e ideológico (ibid).

Harvey (1980) defende, por exemplo, que “[...] o procedimento utilizado é o de que uma vez descoberto o que é espaço e descobertos os modos de representá-lo, podemos, então, avançar em nossa análise do fenômeno urbano [...]” (p. 5), inserindo nossa compreensão da conduta humana. Ele avança na defesa, frisando que “[...] a única estrutura conceitual adequada para entender a cidade é a que inclui e se edifica ao mesmo tempo sobre as imaginações sociológica e geográfica” (HARVEY, 1980, p. 5).



Assim, resgatando os termos “imaginações sociológica e geográfica” entendemos, a partir do pensamento do autor, que, para compreendermos o espaço urbano, não podemos prescindir de uma leitura de como a sociedade se estrutura, dado que o espaço geográfico, como sabemos, é um produto social historicamente determinado, permeado pelas relações humanas que concorrem para este fim.

Retomando o pensamento de Castells (1983) sobre a apreensão do espaço urbano, vemos que esse espaço não é um texto finalizado, mas uma tela pintada permanentemente, reestruturada, com um campo simbólico que se transforma à medida da produção de um conteúdo ideológico pelas práticas sociais que agem na e sobre a unidade urbana. Se aceitarmos essa afirmação, assumimos o desafio de procedermos à sua permanente leitura; e tal leitura, considerando os processos mais atuais, nos remete a novas discussões sobre o espaço urbano, quais sejam: sobre o meio técnico-científico-informacional, a globalização, a mundialização, entre outras temáticas.

Neste sentido, lançamos mão do pensamento de Santos (2012), que diz: “[...] as necessidades do espaço mudaram, tanto em função dos requisitos da produção como da circulação mais exigente de rapidez” (p. 46). Produção esta voltada para o atendimento de uma economia cada vez mais globalizada, geradora de intensos fluxos de produção e circulação, os quais tanto emanam do espaço urbano, em sua maioria, quanto incidem sobre ou estão associados a ele. Assim, enfatiza-se que este é o contexto no qual a maior parte da sociedade está inserida, o que favorece então a apreensão do conceito de espaço por parte do alunado da educação básica.

Dado o caráter processual de produção do espaço urbano, “[...] esse novo substrato da vida social contribui para a instalação de novas relações sociais, trazendo consequências ao processo de urbanização” (SANTOS, 2012, p. 52), que, como já concordamos com Castells, é um processo – ou no seu dizer, um “texto” inacabado, demandando, permanentemente, e cada vez mais, uma renovada leitura. Por assim dizer, é um texto “escrito”, nesse contexto



informacional, por uma infinidade de atores, segundo uma diversidade de ideologias, interesses e demandas.

### PARA CONSTRUIR O CONCEITO DE ESPAÇO URBANO

Novidade já não é mais afirmar que a maior parte da humanidade vive hoje no meio urbano. O trecho supracitado apenas ratifica: “As cidades, locais complexos que abrigam a maior parte da população, são de fundamental importância para a construção da vida social” (CAVALCANTI, 2008, p. 148). Ora, se as cidades concentram a maior parte da população, concentram igualmente uma diversidade de grupos sociais distintos que constroem o espaço urbano, conformando-se aí uma infinidade de jogos de interesse, requerendo, cada vez mais, a necessidade de saber conviver em sociedade, saber participar de uma vida coletiva ou um espaço público. É neste sentido que se faz mister à educação geográfica formar o cidadão para viver e construir esse espaço.

Entendemos que não basta ao professor de geografia, no exercício da educação geográfica, tecer informações a este respeito antes seus alunos, sob a pena de enveredar por um discurso enfadonho, pouco compreensível. Muito mais significativo será fazer dessa informação um recurso didático junto às mentes dos alunos, as quais, elas mesmas, estão permeadas de experiências vividas nesse espaço urbano.

Assim, fazendo valer a recomendação didática de partir dos saberes prévio-cotidianos dos discentes para poder proceder à apresentação dos conhecimentos construídos pela sociedade, e elaborar novos saberes, poderá o professor de geografia lançar mão da proposição da *cidade educadora*.

Cavalcanti (2008, p. 149) defende tal proposição enfatizando que:

[...] se a cidade é um espaço público por conter a complexidade da coexistência humana, por se constituir no ambiente da vida coletiva, ela tem a responsabilidade de viabilizar, permitir e incentivar essa vida coletiva, essa coexistência humana, como





base em princípios e valores validados em contextos históricos e sociais determinados. Para tanto, a cidade conta com vários agentes, que realizam diferentes atividades educativas (agências de trânsito e ambientais, escolas, ONGs<sup>2</sup>). Mas ela mesma é um agente educativo. A cidade educadora, ainda que não intencionalmente, pois forma valores, comportamentos; ela informa com seu arranjo espacial, com seus sinais, com suas imagens, com sua escrita.

É então concordando com o pensamento da autora que buscamos desenvolver, ao longo da parceria entre a prática de estágio supervisionado em geografia da UERN e a rede estadual de ensino – e especificadamente, na Escola Estadual Professor José de Freitas Nobre - que buscamos desenvolver o conceito de espaço urbano a partir da vida cotidiana dos alunos da educação básica. Neste sentido, tomamos como referência as três premissas para um projeto de *cidade educadora*, apresentadas por Figueras (2002, p. 19) apud Cavalcanti (2008), a saber: *a) informação compreensível e discriminada para a cidadania, b) participação dos cidadãos e das instituições e associações; c) avaliação de propostas e ações* (p. 149).

Assim, ao construirmos o conceito de espaço geográfico com os alunos da educação básica, levamos em consideração essas ideias, desenvolvendo atividades como: discussão em grupos e exposição coletiva; elaboração de textos e apresentação coletiva; incentivo à busca prévia de notícias sobre a participação em eventos de representação cidadã, e apresentação destas na sala de aula, seguida de discussão.

Elencamos no quadro 01, a seguir, conforme as premissas supracitadas, temáticas e atividades que podem ser desenvolvidas na educação geográfica, tendo a cidade como um recurso pedagógico aliado para a construção do conceito de espaço urbano.

---

<sup>2</sup> Organizações Não Governamentais.

**Quadro 01:** Temáticas e atividades para a construção do conceito de espaço urbano

<b>Premissa A: informação compreensível e discriminada para a cidadania</b>	
<i>Temática</i>	<i>Atividades</i>
Sinalização em geral na cidade: trânsito, turística, de obras, nos ambientes comerciais, nos serviços públicos, e na própria escola.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Organizar a turma em grupos segundo cada tipo de sinalização, pedir que faça observações e anotações no percurso casa-escola/escola-casa e traga para apresentação e discussão em sala;</li> <li>▪ Elaborar um documento da turma, apontando carências de sinalização, e solicitar junto à direção da escola para pleitear junto à municipalidade para sanar tais carências;</li> <li>▪ Discutir com os alunos sobre condutas a serem assumidas ante carências de informação, e encorajá-los a exercer sua cidadania, e relatar em sala quando oportuno;</li> <li>▪ Promover uma produção textual sobre espaço urbano a partir dessas discussões.</li> </ul>
<b>Premissa B: participação dos cidadãos e das instituições e associações</b>	
<i>Temática</i>	<i>Atividades</i>
Meio Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Por ocasião da Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente, organizada pelo Ministério da Educação e Cultura, ler e discutir os subsídios textuais preparados para serem utilizados nas escolas;</li> <li>▪ Realizar a conferência nos ambientes escolares, elegendo os representantes, conforme indicado pela programação do MEC, incentivando-os a participar em instâncias mais amplas de representação cidadã;</li> <li>▪ Terminado todo o processo de realizada da referida conferência, até o nível nacional, promover um momento com toda a escola para apresentar os resultados alcançados e indicar condutas cidadã a serem assumidas;</li> <li>▪ Promover uma produção textual sobre espaço urbano e a questão ambiental a partir dessas discussões.</li> </ul>
<b>Premissa C: avaliação de propostas e ações</b>	
<i>Temática</i>	<i>Atividades</i>
Mobilidade Urbana	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Incentivar a busca de notícias junto aos veículos de comunicação sobre mudanças no sistema de trânsito e transportes no ambiente urbano em que os alunos moram;</li> <li>▪ Pedir que os alunos façam entrevistas junto aos seus pais e/ou condutores no percurso casa-escola/escola-casa sobre tais mudanças;</li> <li>▪ Discutir em sala de aula;</li> <li>▪ Promover uma produção coletiva de um documento a ser entregue, por intermédio da direção da escola, à secretaria de trânsito e transportes, da municipalidade.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pelos autores com base em Cavalcanti (2008).



Conforme expusemos no quadro anterior, a partir dessas três temáticas: sinalização em geral na cidade, meio ambiente e mobilidade urbana; lançamos um olhar sobre o conceito de espaço urbano, e sobre como ele pode ser abordado na educação geográfica, visando à sua construção por parte dos alunos, tendo por base a vivência destes, ao utilizarmos como metodologia as premissas básicas da temática *cidade educadora*.

## CONCLUSÕES

Trabalhar o conceito de espaço urbano junto aos alunos da educação básica consiste, em primeiro lugar, ter clareza do conceito de espaço, do seu lugar nas discussões teóricas da geografia, ladeadas das discussões atinentes a outros conceitos importantes, como região, paisagem, território e lugar. De posse deste aporte teórico, o professor poderá proceder então à leitura da rica empiria na qual está inserida o seu alunado, o que resultará numa permanente elaboração de novos conhecimentos da educação geográfica na escola.

As proposições de ensino para a educação geográfica, a exemplo da apresentada nesse artigo, preconizam a importância de considerar os saberes prévios e cotidianos do aluno, para só então trabalhar e desenvolver os conteúdos sistematizados e construídos pela sociedade; tais recursos didático-metodológicos, enquanto elementos facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, podem viabilizar o ensino e a aprendizagem dos conhecimentos geográficos, tornando antes, saberes abstratos, no qual, à luz da teoria, pode-se ler a realidade.

A proposição exposta nesse trabalho faz esse diálogo entre o saber formal e a realidade do aluno; ela aproxima esses sujeitos ao conhecimento sistematizado, e ainda, os faz pensar e refletir sobre esse espaço de vivência – vendo a necessidade da busca incessante por uma cidadania plena – ou seja, estamos frente uma cidade que educa – uma cidade educadora.



## REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas/SP: Papyrus, 2008.

\_\_\_\_\_. **A geografia e a realidade escolar contemporânea**: avanços, caminhos e alternativas. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

CORRÊA, Roberto L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DANTAS, Eugenia M.; MORAIS, Ione Rodrigues D. **Organização do espaço**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2012.

FERRETTI, Orlando. A representação do espaço geográfico na educação básica. **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.261-281, 2014.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

MOREIRA, Ruy. Espaço. **Geographia**, Niterói, v. 19, n. 41, p.142-143, 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo; Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.